



JORNALISMO COM POSICIONAMENTO: PLATAFORMA SUMAÚMA EM DEFESA DA FLORESTA

Alexandre Lenzi¹

RESUMO: Este artigo traz um olhar para o jornalismo ambiental produzido pela plataforma Sumaúma, um veículo nativo digital, que se autodefine como independente e ao mesmo tempo “com lado, em defesa da floresta”, com cobertura voltada para questões ambientais envolvendo principalmente a região amazônica. Além do resgate de entrevistas da fundadora da plataforma, a jornalista Eliane Brum, são analisadas oito publicações realizadas na seção Reportagem ao longo de 2024, com o propósito de mapear temas, fontes e formatos mais comuns, e relacionados os elementos do jornalismo elencados por Bill Kovach e Tom Rosenstiel com o trabalho produzido por Sumaúma.

PALAVRAS-CHAVE: *Plataforma Sumaúma. Jornalismo ambiental. Jornalismo nativo digital. Mudanças climáticas. Floresta amazônica.*

ABSTRACT: This article examines the environmental journalism produced by the Sumaúma platform, a digital-native journal that defines itself as independent and, at the same time, “with a side, in defense of the forest”, with coverage focused on environmental issues primarily involving the Amazon region. In addition to reviewing interviews with the platform's founder, journalist Eliane Brum, eight publications published in the Reports section throughout 2024 are analyzed to map common themes, sources, and formats, and to relate the elements of journalism listed by Bill Kovach and Tom Rosenstiel to the work produced by Sumaúma.

KEYWORDS: *Sumaúma platform. Environmental journalism. Native journalism. Climate change. Amazon rainforest.*

¹ Mestre e doutor em Jornalismo pela UFSC e pós-doutorado em Comunicação pela UFMS. É professor do mestrado em Comunicação Digital do IDP, em Brasília. E-mail: lenzi.alexandre@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A cobertura do cenário atual das mudanças climáticas exige mais do jornalismo. Com manchetes sobre eventos extremos como secas e enchentes cada vez mais presentes no noticiário, o jornalismo ambiental rompe as barreiras das editorias de ciência e meio ambiente. Hoje, praticamente todos os jornalistas, de todas as editorias, precisam olhar também para as questões ambientais. E além da maior cobertura do tema nos veículos tradicionais, surgem novos espaços dedicados especialmente ao assunto. É o caso da plataforma trilingue Sumaúma (sumauma.com), objeto de estudo deste artigo.

Com sede em Altamira, no Médio Xingu, no Pará, e no ar desde 13 de setembro de 2022, a plataforma jornalística traz o nome de uma das maiores árvores da floresta amazônica. O veículo especializado foi fundado pelos jornalistas Eliane Brum, Jonathan Watts, Verónica Goyzueta, Talita Bedinelli e Carla Jiménez (esta última deixou a equipe em dezembro de 2022), que no editorial de lançamento anunciam-se como “jornalistas com décadas de profissão que compreenderam que, diante da emergência climática e da sexta extinção em massa de espécies, precisam criar algo diferente”.

Definindo-se como uma plataforma de jornalismo independente, conta com uma campanha permanente de financiamento coletivo para mobilizar doações. Mas Sumaúma também recebe financiamento de fundações nacionais e internacionais. “Sonhamos que o crowdfunding possa nos sustentar, mas vamos depender de financiamento de fundações por um tempo”, afirma a fundadora Eliane Brum (2022).

A plataforma foi apresentada inicialmente como uma newsletter quinzenal, produzida em três línguas (português, inglês e espanhol). Junto à newsletter por escrito, era divulgada uma newsletter em áudio, em formato de podcast, comandada por Elizangela Baré, mulher indígena de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas. No mesmo ano de lançamento, a newsletter por escrito transformou-se em um jornal online trilingue com o desafio de produzir matérias investigativas e cobrir os principais temas ambientais, com foco na região amazônica. E a newsletter em áudio virou a Rádio Sumaúma. Elizangela Baré ganhou o apoio de Maickson Serrão, ribeirinho e podcaster baseado na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, no Pará, e ambos conversam com os

jornalistas de Sumaúma, que contam os bastidores das reportagens publicadas pela plataforma.

Sumaúma é ainda um exemplo do jornalismo nativo digital, enquadrado aqui como o conteúdo informativo produzido por veículos que nasceram e existem exclusivamente no ambiente da internet. Conforme conceito trabalhado em estudo anterior (LENZI, 2020), não se enquadram no mesmo rótulo sites de jornais impressos e/ou de emissoras de rádio e televisão, que via de regra produzem conteúdo primordialmente para a plataforma de origem, embora possam sim ter produtos pensados especificamente para versões na web.

Estudo liderado por Ramón Salaverría (2019), com foco em empresas de mídia nativas digitais na América Latina, constata que tais publicações usam termos como “independente”, “diferente”, “direitos humanos” e “jornalismo investigativo” para descrever seus conteúdos, apontados ainda como mais interativos, conversacionais e explicativos do que os de seus rivais tradicionais. Características que ajudam a definir a plataforma Sumaúma, como veremos a seguir.

2. JORNALISMO COM LADO

No mês de lançamento da plataforma, a equipe de fundadores publicou um manifesto divulgando os princípios editoriais, destacando que Sumaúma tem lado. “Sumaúma é aliada daqueles que defendem os enclaves da natureza, defendem os centros de produção de futuros. (...) Sumaúma se posiciona ao lado da vida. (...) Sumaúma é nossa colaboração no campo do jornalismo para responder com urgência ao tempo da urgência” (Brum *et al.*, 2022). Ao mesmo tempo, reforçam os compromissos com os princípios jornalísticos: “Acreditamos no poder das histórias contadas, no poder do jornalismo que merece este nome porque é feito com ética, com rigor e com independência” (idem).

Ainda no manifesto, ressaltam:

Nossos valores podem ser resumidos em duas palavras: floresta primeiro. A floresta - sua natureza e seus povos - precisa vir antes do mercado. Essa é uma abordagem baseada tanto na ciência climática de ponta, quanto no pensamento indígena tradicional. Há, porém, ameaças poderosas e violentas de empresas e corporações, de governos e de políticos, do crime organizado. Como jornalistas, nos posicionamos ao lado dos povos-floresta na linha de frente da guerra movida contra a natureza (Brum *et al.*, 2022).

Sumaúma também trabalha em parceria com agências de jornalismo independente e coletivos de comunicadores da floresta, produzindo reportagens em processo colaborativo. Segundo o manifesto, há ainda um propósito de aproximação comunitário também no contexto de parcerias para a produção de conteúdos, na formação do que chamam de jornalistas da floresta.

Nós ensinaremos o melhor do jornalismo que aprendemos e exercemos, alguns há mais de 30 anos, e jovens indígenas, ribeirinhos, quilombolas, camponeses e das periferias e baixões das cidades amazônicas nos ensinarão como elas e eles contam histórias. Afinal, os povos indígenas transmitem seu conhecimento e produzem notícias há pelo menos 13 mil anos na Amazônia (...). Não queremos leitores passivos, queremos criar comunidade junto daqueles que já escolheram seu lado na grande guerra do nosso tempo, esta que irá muito além das gerações de adultos deste momento (Brum *et al.*, 2022).

Diante do agravamento da crise climática, a cobertura de questões ambientais vem se intensificando ano a ano. A pesquisadora Eloisa Beling Loose (2024) defende que os enquadramentos de novos desastres climáticos devem ser aprofundados no campo jornalístico, relacionando causas e consequências dos efeitos climáticos, mas, principalmente, colaborando com uma cultura de prevenção e autoproteção. “Os critérios de noticiabilidade devem incorporar os riscos e o tempo do jornalismo deve antecipar ainda mais nossos passos. Não é especulação, é serviço público” (LOOSE, 2024).

Na mesma linha, a ambientalista e ativista sueca Greta Thunberg entende que a responsabilidade de contar histórias, escrever artigos sobre a crise e apontar os responsáveis é, em última análise, dos meios de comunicação. “Sem os meios de

comunicação, simplesmente não temos como alcançar os nossos objetivos climáticos globais” (THUNBERG, 2023: 435).

3. **A VOZ DE ELIANE BRUM**

Idealizadora, fundadora e diretora de redação da plataforma Sumaúma, Eliane Brum é escritora, jornalista e documentarista. Uma das repórteres mais premiadas da história do Brasil, em 2021 recebeu o prêmio Maria Moors Cabot, da Columbia University, pelo conjunto de sua obra. Também escreve para o jornal espanhol El País.

Brum vive atualmente em Altamira, no Pará, com o companheiro Jonathan Watts, também co-fundador de Sumaúma e editor global de Meio Ambiente do jornal britânico The Guardian desde 2017. Em entrevista à LatAm Journalism Review (LJR), em outubro de 2022, Brum explica que o objetivo da plataforma é “fazer ponte entre a ciência da floresta e a ciência que é feita fora da floresta, a ponte entre os intelectuais da floresta e os intelectuais europeus, americanos, brasileiros do Centro-Sul” (Brum, 2022).

A jornalista afirma que a plataforma surge em um momento de urgência no debate sobre crise climática e aponta o papel fundamental do jornalismo nesse cenário. “Sumaúma trabalha para que as pessoas entendam que não existe escolha entre estar ou não estar na guerra. (...) a única diferença é se tu vai esperar sentado ou se vai lutar. E essa é uma grande escolha, é uma escolha urgente que todos precisam fazer” (Brum, 2022).

Um ano após o lançamento da plataforma, em setembro de 2023, em nova entrevista, desta vez para a Gama Revista, Eliane Brum reforça o posicionamento da equipe, afirmando que “nós temos um lado nessa guerra, na linha de frente, no campo do jornalismo, como aliados dos povos-natureza” (Brum, 2023). E, ao mesmo tempo, enaltece o compromisso como publicação jornalística: “O papel do jornalismo é justamente investigar, apurar, apontar as contradições e dar elementos para qualificar os argumentos e ampliar a participação das pessoas no debate público” (idem).

4. AS REPORTAGENS DE SUMAÚMA

Como parte deste estudo, olhamos também para o conteúdo da plataforma Sumaúma, mais especificamente para todas as oito publicações da seção Reportagem publicadas ao longo de 2024 ². O objetivo é mapear temas, fontes e formatos mais comuns, por meio da análise do conteúdo das publicações.

Em “Genocídio yanomami”, Sumaúma denuncia a morte de mais de 300 crianças da etnia indígena, sendo que um terço delas morreram antes mesmo de completarem um ano de idade. O texto, complementado com um amplo material fotográfico, mostra que o governo gastou R\$ 1 bilhão, mobilizou quase 2 mil profissionais de saúde e falhou no enfrentamento da crise sanitária. São entrevistadas pessoas que atuaram na área, como trabalhadores da saúde e lideranças indígenas de diferentes partes do território, a maioria em anonimato, e apresentadas estatísticas parciais de 2023, ainda sem os dados de dezembro. Como contraponto, o Governo Federal manifesta-se por meio de notas oficiais, assinadas principalmente pelo Ministério da Saúde.

² As oito publicações selecionadas foram: “Genocídio yanomami - ‘Gestão de amadores’: os bastidores de um fracasso que já custou 308 vidas”, publicada em 19 de janeiro de 2024 (disponível em: <https://sumauma.com/gestao-de-amadores-os-bastidores-de-um-fracasso-que-ja-custou-308-vidas/>;

“Onde não tem voto não tem escola”, de 20 de março (disponível em: <https://sumauma.com/onde-nao-tem-voto-nao-tem-escola/>);

“Maré de morta, de lanço, ‘doideira’: por que moradores do litoral da Amazônia temem o petróleo”, de 22 de maio (disponível em: <https://sumauma.com/mare-de-morta-de-lanco-doideira-por-que-moradores-do-litoral-da-amazonia-temem-o-petroleo/>);

“A grande disputa da bioeconomia”, de 10 de junho (disponível em: <https://sumauma.com/a-grande-disputa-da-bioeconomia/>);

“Terra de pequenos agricultores, Bujaru quer resistir ao dendê e entrar no mapa da bioeconomia”, também de 10 de junho (disponível em: <https://sumauma.com/terra-de-pequenos-agricultores-bujaru-quer-resistir-ao-dende-e-entrar-no-mapa-da-bioeconomia/>);

“Caubóis do carbono: empresário britânico, pecuarista paraense e ex-PM de São Paulo estão por trás de projetos abusivos”, de 20 de junho (disponível em: <https://sumauma.com/caubois-do-carbono-como-um-empresario-britanico-um-pecuarista-paraense-e-um-ex-pm-de-sao-paulo-se-tornaram-protagonistas-de-projetos-abusivos-na-amazonia/>);

“Juarez Transamazônico, o ‘bebê do futuro’, busca seu passado”, de 9 de julho (disponível em: <https://sumauma.com/juarez-transamazonico-o-bebe-do-futuro-busca-seu-passado/>); e

“Agro leva bônus sem ônus na lei que cria mercado de carbono regulado no Brasil, de 8 de novembro” (disponível em: <https://sumauma.com/agro-leva-bonus-sem-onus-na-lei-que-cria-mercado-de-carbono-regulado-no-brasil/>). Acessos em 10/05/2025.

Em “Onde não tem voto não tem escola”, uma reportagem com textos, fotos, infográfico e vídeo, a equipe relata como comunidades amazônicas têm lutado pelo direito a uma educação digna e de qualidade. Os jornalistas de Sumaúma ouviram por cinco meses alunos, familiares, professores e especialistas em educação sobre a falta de políticas públicas para que exista um ensino diferenciado e de qualidade dentro das comunidades tradicionais, participando inclusive de reuniões dos Conselhos Deliberativos em Reservas Extrativistas da Amazônia, encontros dos moradores com representantes dos órgãos públicos. A reportagem foi realizada com apoio de comunicadores indígenas da comunidade local, que integram o Programa de Coformação de Jornalistas-Floresta Micélio-Sumaúma, idealizado por Eliane Brum, também responsável pelo conteúdo e pela supervisão com “o compromisso de manter o rigor, a responsabilidade e a precisão do jornalismo tradicional”, conforme explicado ao fim da publicação.

A reportagem “Maré de morta, de lança, ‘doideira’: por que moradores do litoral da Amazônia temem o petróleo” aborda o suspense pelo desfecho definitivo do licenciamento do bloco 59 da Petrobras, que segundo apurado pela equipe poderia abrir caminho para exploração petrolífera em áreas onde o risco de vazamento atingir manguezais é maior. O trabalho conta com textos, fotos e infográfico. O termo “Maré de morta” refere-se a como as pessoas deste litoral chamam a maré de águas mortas ou maré de quadratura, que ocorrem durante os quartos crescentes e minguantes. Além da comunidade local, são entrevistados pesquisadores e profissionais como geógrafos, químicos e engenheiros ambientais. Para produção da reportagem, a jornalista Claudia Antunes viajou ao Amapá a convite do Greenpeace, que também aparece como fonte na reportagem e como autor de parte das fotos.

No dia 10 de junho, Sumaúma publica duas reportagens abordando o tema bioeconomia. “A grande disputa da bioeconomia” trata com textos e fotos da dificuldade de uma conceituação clara para o termo bioeconomia, ouvindo pesquisadores acadêmicos e lideranças regionais da comunidade. Além disso, a matéria analisa documentos oficiais, como o decreto do governo que estabelece a Estratégia Nacional de Bioeconomia. Como anunciam já na linha de apoio, “com a Amazônia no

centro do debate, decreto cria estratégia nacional de estímulo a atividades incluídas num conceito que não tem definição consensual e até agronegócio reivindica, abrindo competição por recursos”.

Já “Terra de pequenos agricultores, Bujaru quer resistir ao dendê e entrar no mapa da bioeconomia”, também com textos e fotos, apresenta a cobertura de uma assembleia cidadã, onde agricultores familiares, ribeirinhos e quilombolas da cidade à beira do Rio Guamá expressam desejo de conseguir mais renda e mais trabalho em atividades que mantenham a floresta em pé. A assembleia cidadã de Bujaru foi realizada durante cinco sábados nos meses de abril e maio daquele ano. Importante mencionar que a jornalista que assina o texto, Claudia Antunes, viajou para Bujaru, localizada a cerca de 50 quilômetros de Belém, a convite do Delibera Brasil, coletivo que realiza as assembleias sob inspiração do conceito de “democracia deliberativa”. Todas as fotos da reportagem, inclusive, são assinadas por fotógrafos da equipe do coletivo.

Na reportagem “Caubóis do carbono: empresário britânico, pecuarista paraense e ex-PM de São Paulo estão por trás de projetos abusivos”, os jornalistas de Sumaúma trabalham em parceria com profissionais da plataforma O Joio e O Trigo em uma investigação que mostra como cinco comunidades rurais do estado do Pará foram “enganadas e depois ameaçadas na nova corrida do ouro da floresta” por empresas que comercializam créditos de carbono. O material é apresentado em textos, fotos e infográficos. A reportagem se baseia em diversas fontes, incluindo entrevistas com pessoas envolvidas nos projetos de créditos de carbono na Amazônia, documentos de procedimentos administrativos e inquéritos civis abertos pelo Ministério Público Federal, além de análises sobre contratos firmados com comunidades indígenas. Também são citadas ações da Defensoria Pública do Pará contra empresários acusados de grilagem de terras públicas.

Com um gancho diferenciado, a reportagem “Juarez Transamazônico, o ‘bebê do futuro’, busca seu passado” conta a história do primeiro brasileiro a nascer às margens da rodovia transamazônica, um projeto da ditadura militar para integrar a Amazônia ao restante do país. Juarez Furtado de Araújo foi transformado em símbolo da propaganda

oficial, para divulgar o progresso e a colonização da floresta. No entanto, ao longo da vida, passou a questionar a narrativa construída sobre seu nascimento e a realidade da ocupação da Amazônia. A matéria explora sua busca por respostas sobre seu passado e os impactos da rodovia transamazônica na região. São utilizadas como fontes documentos históricos, como reportagens da revista Realidade e registros do Arquivo Nacional, além de entrevistas com o próprio Juarez e sua família. O material conta com textos, fotos, infográfico e vídeo (um filme institucional da Presidência da República, divulgado pelo Arquivo Público, de 1970, mostra a derrubada de árvores para construção da rodovia).

A última das reportagens analisadas, “Agro leva bônus sem ônus na lei que cria mercado de carbono regulado no Brasil” apresenta em textos e fotos a até então última versão da proposta para reduzir as emissões de grandes empresas poluidoras, apontando que a medida “garante privilégios para a atividade responsável pela maior parte das emissões de gases do efeito estufa no Brasil”. Além de se debruçar sobre o projeto de lei, a equipe repercute depoimentos de políticos, profissionais do mercado e especialistas, por meio de entrevistas próprias e também curadoria de outras publicações sobre o tema.

29

De forma geral, do ponto de vista de formatos, evidencia-se o padrão *longform* nas reportagens, conceito que se refere a textos mais extensos e aprofundados. Há um bom uso de hiperlinks para fontes oficiais e conteúdos externos da plataforma, potencializando a hipertextualidade característica do texto online. Em relação aos recursos visuais, as fotos são a opção mais comum, presentes em todas as reportagens analisadas. De forma mais tímida, aparecem infográficos e vídeos, produção que poderia ser intensificada ao considerarmos o perfil dos jornais nativos digitais.

Outra observação é a presença no expediente de cada reportagem, além das tradicionais funções de texto e edição, a figura de uma pessoa extra (às vezes duas pessoas) responsável pela checagem, o que é no mínimo mais uma sinalização do compromisso da plataforma com a credibilidade do jornalismo.

5. ELEMENTOS DO JORNALISMO

Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004: 20) defendem que o jornalismo fornece um elemento muito especial: “informação independente, confiável, precisa e compreensível, elementos importantes para que o cidadão seja livre”. Os autores apontam uma série de princípios que definem como elementos do jornalismo, em um contexto no qual o jornalista não decide mais o que o público deve saber, mas ajuda o público a pôr ordem nas coisas, atuando como um “explicador”, checando se a informação é confiável e ordenando-a de forma que o leitor possa entendê-la. Aqui, como último exercício neste artigo, buscamos associar esses elementos com a análise das reportagens da Sumaúma e o discurso apresentado por seus fundadores.

Entre os elementos centrais, podemos destacar pontos como “a primeira obrigação do jornalismo é com a verdade”, sendo verdade entendida aqui como muito mais do que simples precisão, “como um processo – ou uma caminhada contínua na direção do entendimento (Kovach e Rosenstiel, 2004: 70); “sua primeira lealdade é com os cidadãos”, ou seja, a chamada independência jornalística; e “a essência do jornalismo é a disciplina da checagem/verificação”. Estas três premissas aparecem bem fortemente no discurso de Sumaúma, seja no manifesto de lançamento, seja nas entrevistas da fundadora Eliane Brum. E na análise das reportagens, percebe-se uma atenção especial à comprovação dos dados apresentados por meio de documentos e estatísticas oficiais, além da já mencionada presença de um jornalista no papel extra de checagem ao trabalho realizado pelos repórteres/redatores dos textos de cada matéria.

Também se percebe o enquadramento da Sumaúma nos elementos elencados por Kovach e Rosenstiel prevendo que o jornalismo “deve apresentar um fórum para a crítica pública e o compromisso” e “deve manter as notícias compreensíveis e equilibradas”. As reportagens analisadas trazem uma diversidade de fontes, com destaque para a participação de representantes das comunidades locais, o que se entende que contribui diretamente para um debate plural e construtivo. E os textos são trabalhados de forma didática, clara e correta, respeitando as características padrões da linguagem jornalística.

Outros dois elementos, no entanto, merecem uma reflexão extra: o jornalismo “deve funcionar como um monitor independente do poder” e “seus praticantes devem manter independência de quem estão cobrindo”. Do ponto de vista de governos, Sumaúma comprova bastante independência ao apresentar matérias investigativas, com críticas e denúncias de ineficiência em programas federais. Há, no entanto, que relativizar a “independência de quem se está cobrindo” em duas reportagens onde a repórter viaja para o local de apuração a convite de instituições que também aparecem como fontes nas matérias. Esse procedimento é recorrente na mídia tradicional, como estratégia de assessorias de comunicação de empresas e organizações para emplacarem reportagens na grande mídia. Aqui, no entanto, importante destacar dois pontos: a transparência de Sumaúma ao deixar claro ao fim da reportagem que a jornalista viajou a convite das instituições citadas e o fato de serem duas instituições com trabalho voltado para a promoção de questões sociais e ambientais, compartilhando princípios com a linha editorial da plataforma jornalística.

Um olhar crítico também merece ser lançado no que se refere ao princípio de que o jornalismo “deve lutar para transformar o fato significativo em interessante e relevante”. Reconhecemos que o tema das mudanças climáticas é, sim, urgente e relevante. E essa urgência só aumenta a cada dia. Mas o tom essencialmente alarmista pode afastar o grande público e gerar a já real ansiedade climática daqueles que estão atentos ao assunto. Entende-se que há espaço também para mostrar bons exemplos, práticas que tiveram resultados eficientes e comprovados, pautas que tendem a engajar e contribuir para um efeito positivo em cadeia. O que poderia ser feito, de forma complementar, ao trabalho investigativo realizado com excelência pela equipe da plataforma. “A tarefa do jornalista é encontrar formas de transformar o significativo em interessante, em cada matéria, e encontrar a mistura exata do sério e do menos sério que oferece um relato do dia” (Kovach e Rosenstiel, 2004: 226). Ainda nesse aspecto de buscar uma linguagem mais interessante, reforçamos aqui a sinalização de que Sumaúma poderia explorar uma maior diversidade de formatos nas reportagens, incluindo mais recursos audiovisuais, com vídeos, áudios e infográficos, o que ainda aparece de forma bastante tímida.

O último elemento apontado por Kovach e Rosenstiel é o de que os praticantes do jornalismo “devem ter liberdade para exercer sua consciência pessoal”: “no fim das contas, o jornalismo é uma questão de caráter. Todos os jornalistas – da redação à sala da diretoria – devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade – uma bússola moral (2004: 273-274). E nisso, tanto pelo discurso dos fundadores da Sumaúma como pela linha editorial das reportagens analisadas, é nítido o enquadramento da plataforma, que produz conteúdo, como os próprios jornalistas afirmam, em defesa da floresta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do jornalismo ambiental está mais desafiadora no contexto atual de mudanças climáticas presentes na vida real. Na cobertura de eventos extremos, como as cada vez mais frequentes secas e/ou enchentes, investigar a origem e as consequências dos problemas é papel do bom jornalismo. Não basta relatar os dados da Defesa Civil. Reportagens de serviço com dicas de prevenção e autoproteção, na tentativa de contribuir para evitar ou ao menos amenizar novas crises, precisam entrar na pauta das redações, sejam veículos regionais ou nacionais.

32

E Sumaúma surge exatamente com o desafio de contribuir com um jornalismo ambiental mais responsável e assertivo. A equipe de renomados jornalistas assume seu lado, o da floresta, e produz pautas investigativas que denunciam problemas e irregularidades em torno da região amazônica. E com base nesse estudo, podemos afirmar que a plataforma consegue fazer isso sem abrir mão dos princípios básicos do jornalismo, com reportagens aprofundadas, com diversidade de fontes, enfoque comunitário e embasamento científico.

Afinal, deveria ser óbvio, mas ainda é preciso repetir: na cobertura ambiental, a melhor fonte é a ciência. Negacionismo não é contraponto, é desserviço. E como premissa do jornalismo científico, é essencial traduzir os jargões e termos técnicos. As mudanças climáticas afetam as vidas de todos, logo o assunto é de interesse geral.

Por fim, entendemos aqui que o papel do jornalismo ambiental não difere muito do papel do jornalismo em si, ao citarmos uma última vez Bill Kovach e Tom Rosenstiel

(2004: 31): “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar (...) Cada geração cria seu próprio jornalismo. Mas a finalidade, nós constatamos, é a mesma”.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane; WATTS, Jonathan; GOYZUETA, Verónica; BADINELLI, Talita. *Manifesto Sumaúma – jornalismo do centro do mundo*. Sumaúma, Altamira (PA), publicado em 1º de setembro de 2022. Disponível em: <https://apoia.se/sumaumajornalismo>. Acesso em 06/05/2025.

BRUM, Eliane. *Sumaúma quer ‘amazonizar o mundo’ com olhar a partir da natureza*. Carolina de Assis. LatAm Journalism Review, Austin, (TX), Estados Unidos, publicado em 26 de outubro de 2022. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/sumauma-quer-amazonizar-o-mundo-fazendo-jornalismo-com-olhar-a-partir-da-natureza-entrevista-com-eliane-brum/>. Acesso em 06/05/2025.

BRUM, Eliane. *Eliane Brum: “O Brasil hoje é a periferia da Amazônia”*. Isabelle Moreira Lima. Gama Revista, São Paulo (SP), publicado em 3 de setembro de 2023. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/ja-foi-a-amazonia/eliane-brum-amazonia-brasil-capitalismo-aquecimento-global/>. Acesso em 06/05/2025.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LENZI, Alexandre. “Jornalismo nativo digital brasileiro: um estudo de caso do Nexa”. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia* (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Porto Alegre, v. 27, jan-dez. 2020, p. 1-14.

LOOSE, Eloisa Beling. *Em 2025, coberturas de desastres climáticos vão exigir novos jornais*. **Farol Jornalismo**, publicado em 10 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://faroljornalismo.substack.com/p/em-2025-coberturas-de-desastres-climaticos>. Acesso em 10/12/2024.

SALAVERRÍA, Ramón; SÁBADA, Charo; BREINER, James G; e WARNER, Janine C. A brave new digital journalism in Latin America. In: TÚÑEZ-LOPEZ, M.; MARTÍNEZ-FERNÁNDEZ, V. A.; LÓPEZ-GARCÍA, X.; RÚAS-ARAUJO, J.; e CAMPOS-FREIRE, F. (Orgs). A brave new digital journalism in Latin America. *Communication: innovation & quality*. Berlim (Alemanha): Springer International Publishing, 2019, p. 229-247.

THUNBERG, Greta (ORG). *O livro do clima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.